

PLANIFICAÇÃO DO 10º ANO

A **planificação anual** do trabalho numa dada disciplina pretende ser um guia que orienta professores e alunos relativamente ao ensino-aprendizagem da mesma (conteúdos, objectivos, recursos, estratégias, avaliação). Ao planificar-se tem-se em conta **diversos parâmetros**, nomeadamente: o programa oficial da disciplina, o ponto de partida dos alunos, os recursos existentes e os objectivos gerais definidos para o curso em questão.

Tanto quanto me tem sido dado observar, o problema principal que os professores do ensino secundário têm, nesta tarefa, não diz propriamente respeito aos conteúdos e objectivos da disciplina respectiva, do ano em questão, mas sim relativamente aos **pré-requisitos** que supostamente os alunos deveriam possuir depois de terminado o 9º ano de escolaridade.

Com efeito, o **ponto de partida** da generalidade destes alunos é baixo, o que conduz sempre a que os objectivos definidos para a própria disciplina nunca sejam atingidos, porque é impossível. Aliás, deve dizer-se que **cumprir programas não é o mesmo que atingir os objectivos definidos** ! Todos nós já nos defrontámos com a velha **discussão que saltita** entre a **posição dos que defendem que devem ser leccionados os conteúdos de uma forma ligeira** e dos **que defendem que os conteúdos leccionados devem ser explicados de forma a que o(s) aluno(s) compreenda(m)**.

O insucesso escolar existente no 10º ano demonstra esta má preparação dos alunos que vêm do ensino básico. Enquanto se mantiver esta situação em que o aluno completa o 9º ano mesmo 'não sabendo', no ensino secundário só podemos minimizar estragos. Muito daquilo que não aprenderam quando deviam já não aprendem e, se calhar, para o resto da vida. Há, por isso, toda a urgência em resolver este problema do **insucesso real** do ensino básico. O **sucesso não se mede pelas aprovações nas pautas**, mas sim pelo grau de prossecução dos objectivos convenientemente definidos à partida.

Enquanto este problema não é resolvido, o que é que nós, professores do ensino secundário, com sensibilidades diferentes e de áreas diferenciadas, poderemos fazer, de forma a formar melhores cidadãos e melhores profissionais ?

Evidentemente que é importante que o aluno saiba, saiba fazer, saiba ser, saiba aprender e até saiba ouvir, ler, estar, falar compreender, etc., etc.. Isto é, o aluno deve desenvolver todos os seus sentidos e habituar-se a trabalhar com todos eles; o aluno tem de estar disponível para aprender e para desenvolver tarefas que irão permitir-lhe adquirir novas competências e utilizar novas técnicas, nas diferentes disciplinas, contribuindo assim para a sua formação geral como cidadão e como futuro profissional.

Para que tudo isto aconteça, é indispensável que se transmita ao aluno a mensagem de que é absolutamente necessário trabalhar, seguido de mais trabalho e concluindo com trabalho.

Na verdade, durante vários anos tem-se disseminado a ideia, no nosso ensino, de que há formas de o aluno aprender com pouco esforço, recorrendo a novas pedagogias ou a novas tecnologias. **Nada mais falso !**

As novas (ou as velhas) pedagogias e as novas tecnologias apenas facilitam ou podem facilitar o acesso mais rápido à informação ou permitem apresentar os assuntos de uma forma mais atraente ou agradável. Contudo, o processo de compreensão dos assuntos, assimilação dos conceitos, etc., só podem ser feitos convenientemente com muita transpiração, para além da inspiração de cada um.

Já alguém dizia que o sucesso de alguém é geralmente feito com 90 % de transpiração e 10 % de inspiração. Mesmo os génios precisam trabalhar bastante para terem êxito. Perguntem a esses alunos que pretendem candidatar-se a determinadas faculdades quantas horas não têm que trabalhar diariamente e há quantos anos mantêm eles este ritmo ?

Há que transmitir aos alunos informação sobre: métodos de trabalho, número de horas de trabalho por dia, não estudarem apenas na véspera dos testes, consciencializá-los da importância da disciplina na sala de aula (e fora dela) e da importância da disciplina em geral (para a vida), consciencializá-los da importância do trabalho em grupo ou equipa (na aula e fora dela), consciencializá-los de que os seus melhores professores são aqueles que mais exigem deles (e não os porreirinhos, que não interessam a ninguém) e que os preparam para os embates da vida profissional, etc., etc..

Com tudo isto, quero dizer que fundamentalmente o principal factor de insucesso escolar, no nosso ensino, prende-se com a falta de trabalho do aluno. Evidentemente que não é o aluno o principal culpado da situação, antes pelo contrário, ele é geralmente vítima da situação e, obviamente, aproveita-se dela – é a lei do menor esforço.

Se trabalharmos todos no mesmo sentido, fazendo o aluno compreender que não deve estar à espera de facilidades e que, como seu esforço pessoal, ele conseguirá, então terá a ajuda do professor para conseguir esse objectivo.

O aluno deve, portanto, contar prioritariamente com:

- O seu esforço pessoal
- O esforço do professor
- O esforço dos colegas
- A ajuda da família

Todos trabalhando no mesmo sentido.

Evidentemente que cabe à escola a criação das condições para que o trabalho de transmissão do saber, saber fazer, saber estar, etc., seja o mais produtivo possível. É aí que entram as novas tecnologias, as diferentes pedagogias, os recursos existentes e o apoio directo do professor.

De uma forma geral, o professor quer o melhor para o aluno. As vias utilizadas é que poderão ser diferentes e discutíveis. Nesse sentido, os alunos têm sempre o apoio desinteressado do professor para os esclarecerem ou encaminharem.

A metodologia de projecto que aí vem parece-me ser uma boa metodologia de trabalho e de aprendizagem com vista à aquisição de novas competências por parte do aluno e, fundamentalmente, com vista ao desenvolvimento do espírito de iniciativa e aumento da auto-estima.

Com efeito, o aluno acompanhado pelos professores (par pedagógico), planificará o seu trabalho, pesquisará (em catálogos, regulamentos, normas, manuais, etc.), elaborará a documentação necessária (utilizando software diversificado), concretizará o projecto e fará a avaliação do mesmo.

Este tipo de trabalho tem muitas vertentes e permitirá que o aluno execute tarefas variadas dentro de uma tarefa mais global que é a de projecto. Evidentemente que tudo tem os seus escolhos. Neste caso particular, antevejo, para já, dois: as infraestruturas (espaços multifuncionais) e o par pedagógico.

É fundamental que sejam **criadas os espaços multifuncionais** indispensáveis para a execução dos projectos a realizar, **sem o que tudo não passará de uma boa intenção.**

O par pedagógico também é muito importante que exista e que funcione. Um par pedagógico é constituído por duas pessoas, a funcionarem em complementaridade. Não pode ser só uma, nem pode ser uma A sério e outra a fingir. Ambos têm de querer fazer este tipo de trabalho, de querer trabalhar de uma forma diferente.

Regressando à vaca fria – os alunos que temos actualmente – eles apresentam deficiências gerais que todos já diagnosticámos, nomeadamente: dificuldades de interpretação, dificuldades na elaboração dos textos, dificuldades na manipulação dos números, das fórmulas e do cálculo.

Penso, por isso, que no 10º ano seja importante que, aula a aula, sempre que possível, os obriguemos a ler (na aula ou fora dela), a interpretar, a comentar, a argumentar, a escrever, a calcular, nas diferentes disciplinas, e não só em Português, Filosofia ou Matemática. As estratégias para o conseguir são um trabalho de imaginação de cada um de nós.

Durante este ano lectivo, na disciplina de Tecnologias da Electricidade do 10º ano, tenciono ensaiar algumas experiências neste sentido !

Almada, 9 de Outubro de 2003
José Vagos Carreira Matias